

TAJETÓRIAS DOCENTES E A CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR DE GEOGRAFIA

CAMILA TATIANE SILVEIRA ALVES¹; VICTÓRIA SABBADO MENEZES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – alvescamila1998@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – victoriasabbado@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A rede municipal de Canguçu/RS abriga, atualmente, um total de 35 escolas, contemplando a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Devido a dimensão territorial do município, 25 destas escolas estão situadas na zona rural e 10 na zona urbana. (SMEC CANGUÇU, 2019).

O quadro de professores é composto por meio de concursos públicos e contratações emergenciais e temporárias. Contudo, é possível encontrar nos educandários professores que ministram disciplinas fora de sua área de formação, caso bastante recorrente na disciplina de Geografia. Entre diversos fatores que contribuem para esta situação, a principal justificativa encontrada está relacionada com o cumprimento de carga horária em uma mesma instituição escolar.

Com base nestas informações, este trabalho visa dar voz a esses sujeitos que se desafiam e são desafiados em suas trajetórias docentes, ministrando disciplinas para além de sua área específica de formação e que não raro observam essa peculiaridade ficando oculta aos olhos da população e, principalmente, de sua própria comunidade escolar. Por isso, a busca por retratar a construção deste sujeito enquanto professor de Geografia e quais são os desafios, limites e possibilidades de suas práticas pedagógicas é tão relevante dentro do campo educacional.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, estão sendo observadas duas professoras de Geografia da rede pública municipal que possuem formação em outros campos de conhecimento, visto que uma delas é formada em História e a outra em Arte.

Visando atingir os objetivos propostos por esta pesquisa, o caminho metodológico viabilizador concentra-se nos seguintes eixos: observações das aulas, análise documental dos planejamentos realizados pelas professoras, revisão de literatura, relatos de vivências das investigadas e entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas semiestruturadas apresentam um roteiro de perguntas previamente elaborado, mas que não condiciona a fala do entrevistado. Além disso, é possível acrescentar outras indagações que surgirão ao decorrer da entrevista e que podem se tornar relevantes para a contextualização da mesma. A ideia principal é que essas entrevistas possam ser gravadas e posteriormente transcritas.

Gil (2008), sintetiza de forma clara e objetiva o que seria uma entrevista:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, p. 109)

Para Bogdan e Biklen (1994), “nas entrevistas semiestruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão”.

Ainda para Bogdan e Biklen (1994),

As boas entrevistas caracterizam-se pelo facto dos sujeitos estarem à vontade e falarem livremente de seus pontos de vista. As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e de exemplos. Um bom entrevistador comunica ao sujeito o seu interesse pessoal, estando atento, acenando com a cabeça e utilizando expressões faciais apropriadas. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 136)

Para identificar e compreender as características e desafios das práticas pedagógicas das professoras, serão utilizados dois instrumentos: as observações e a análise de documentos. As observações serão registradas em um diário de campo e seguirão algumas categorias previamente elencadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo ainda se encontra em andamento, pois não foram realizadas as entrevistas. Dessa forma, os resultados deste trabalho estão centrados nos relatos de vivências, análise dos planejamentos e observações das aulas. Para melhor contextualizar o leitor, são necessárias algumas informações que estão se tornando muito pertinentes ao decorrer desta pesquisa. Ambas professoras atuam há mais de dez anos no Ensino Fundamental II (de 6º a 9º ano). Entretanto, a professora formada em História conciliou a disciplina de Geografia desde o começo de sua carreira enquanto a professora formada em Arte está no primeiro ano desta experiência docente. Neste sentido, o tempo de atuação torna-se ainda mais significativo no processo de construção destas professoras de Geografia. É importante ressaltar também que o acompanhamento das aulas vem sendo realizados em turmas de mesmo nível escolar, no caso turmas de 9º ano do Ensino Fundamental.

Com base nas observações realizadas até o momento é possível constatar que as professoras não apresentam ou relatam dificuldades pedagógicas com a turma. Contudo, a condução dos conteúdos geográficos vem sendo muito desafiadora para a professora formada em Arte. Segundo a própria, há uma constante preocupação com o planejamento das aulas, pois além de ser o seu primeiro ano de atuação em Geografia, a escola onde trabalha não conta com nenhum profissional formado especificamente nesta disciplina para um possível amparo teórico. Sendo assim, ela relata não ter a clareza se o seu planejamento está sendo bem realizado e não consegue ter a dimensão se os conteúdos estão sendo abordados da melhor forma para os alunos.

Ainda relacionado a esta profissional, é visível e comprehensível a limitação na abordagem de alguns conceitos e categorias geográficas. O contexto que a envolve, a faz refletir que neste momento é preferível fazer o básico, pois relata não ter o domínio pleno do que está sendo ensinado, embora a busca por práticas pedagógicas atrativas para os alunos e o constante estudo pelas temáticas geográficas venham ganhando cada vez mais tempo em sua rotina, algo que fica evidente em seu planejamento.

Já a professora formada em História relata que a experiência ao longo dos anos é determinante para o conforto que sente hoje ao ensinar e aprender Geografia. Os seus desafios estão mais concentrados na busca por propostas atrativas para as aulas e as limitações relacionadas às abordagens geográficas dos conteúdos foram sendo substituídas pela segurança e o conhecimento construídos com a sua trajetória docente atrelada a constante formação do ser professor de Geografia.

Dessa forma, recordo Cavalcanti (2012) ao afirmar que:

A formação do professor não pode estar baseada exclusivamente no conteúdo específico da disciplina que vai ensinar. Essa assertiva tem a ver com o entendimento de que a atividade do professor, como atividade intelectual complexa e que compõe a identidade do sujeito, exige saberes específicos. O conteúdo da disciplina a ser ensinada não pode, portanto, ser a base única, nem mesmo central, de sua formação. (CAVALCANTI, 2012, p. 22)

Mas acrescenta que,

Conforme foi visto, é um obstáculo à formação docente a afirmação de que, para ensinar, basta saber o conteúdo a ser ensinado, uma vez que desconsidera outros tipos de saber próprios da docência. Essa afirmação, no entanto, não pode levar a inferências sobre a relatividade desse tipo de conhecimento, pois, se é verdade que ele não é suficiente para o trabalho docente, também é verdade que ele é condição mínima. Em outras palavras, não se pode ser professor sem domínio pleno de conteúdo disciplinar, o que requer a clareza sobre o que é ter esse “domínio pleno”. Certamente, não se trata de conhecer todos os desdobramentos da ciência de referência, com suas inúmeras teorias, fórmulas, modelos e tipologias para analisar a realidade; também não se trata de ter em mente todas as afirmações atinentes a essa ciência. O desenvolvimento e a ampliação da produção científica, bem como a consciência dos limites dessa produção levam à relativização da possibilidade de domínio completo de toda a produção científica de uma área. No entanto, esse mesmo raciocínio fundamenta a defesa de que o referido domínio está relacionado ao conhecimento da trajetória teórica e metodológica da área em questão e à capacidade de operar com as categorias e os conceitos por ela produzidos. (CAVALCANTI, 2012, p. 28-29)

Dessa forma, é necessário que o professor de Geografia, ainda que com outra formação, possua o domínio e a clareza dos assuntos, pois é inviável ensinar aquilo que não se sabe. Se por um lado não se pode desprezar trajetórias docentes, tampouco pode-se ignorar o conhecimento produzido por uma ciência, no caso a geográfica. Por isso, é preciso que a fusão desses dois eixos se torne a base para uma boa docência em Geografia.

4. CONCLUSÕES

Até o momento, este estudo vem possibilitando muitas reflexões sobre a construção do ser professor, de forma mais específica, a construção do professor de Geografia. Nota-se que essa formação necessita ser permanente e que desafiar-se em uma área de atuação divergente de sua área de formação é composta por uma sequência de desafios diários. Embora com uma carreira muitas vezes já consolidada, estes profissionais acabam tendo os seus trabalhos expostos e começam uma constante reflexão sobre suas fragilidades oriundas de outra formação.

As trajetórias docentes começam a ganhar rumos, muitas vezes, inesperados e o reinventar-se surge como um recurso essencial para esses profissionais.

Talvez os próximos passos deste estudo possam esclarecer algumas inquietações que começam a ganhar forma. Sendo a principal delas o distanciamento entre a área de formação e a área de atuação. Será somente o tempo o responsável pelo ganho de confiança ao ministrar uma disciplina em que não se tem a formação? Ou será que os extremos de uma outra formação serão sempre muito significativos na atuação desses profissionais?

Dessa forma, além do tempo necessário para se construir enquanto professor de Geografia, pode ser que a proximidade das áreas, aqui História e Geografia, seja um aspecto influenciador para uma boa docência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Boston, Allyn and Bacon, Inc., 1982.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SMEEC (Secretaria Municipal de Educação Esportes e Cultura). Canguçu. 2019.